

IN FOCO

Boletim Criogênese

Medicina Reprodutiva

Doenças sexualmente transmissíveis podem causar infertilidade

A infecção pelo HPV — o Papilomavírus Humano — é a doença sexualmente transmissível mais comum atualmente. Esse grupo de vírus inclui mais de 200 tipos diferentes, dos quais cerca de 45 são transmissíveis por via sexual, podendo causar lesões genitais, tanto em mulheres, como em homens.

Segundo a ginecologista especialista em Reprodução Humana da Criogênese, Dra. Alessandra de Souza Barbeiro Munhoz, o HPV é a principal causa do câncer do colo de útero, terceiro tipo de câncer mais frequente entre as mulheres, atrás apenas do de mama e do de cólon e reto. Em 2013, segundo dados do Inca (Instituto Nacional de Câncer), 4.800 brasileiras morreram desse tipo de câncer no país, a maioria de classes menos favorecidas.

Durante o mês de março, o Ministério da Saúde iniciou a campanha de vacinação contra o vírus do HPV destinada para meninas de 11 a 13 anos, realizada nos postos de saúde do país. Apesar de ser um projeto de prevenção da doença, muitas controvérsias e dúvidas vêm sendo discutidas por pais, médicos e outros especialistas. Dessa forma, a ginecologista especialista em Reprodução Humana da Criogênese, Dra. Alessandra de Souza Barbeiro Munhoz, esclarece algumas questões.

O HPV pode causar a infertilidade?

Com exceção das situações em que o HPV se desenvolve em um câncer de colo de útero, culminando na necessidade de retirada do órgão, ainda não foi comprovada a sua relação direta com a fertilidade humana. Entretanto, uma pesquisa recente realizada pela Sociedade Americana de Medicina Reprodutiva com casais que realizaram a fertilização in vitro (FIV), mostrou que apesar das taxas de gravidez não terem sido afetadas, os casais, em que a mulher ou o homem eram portadores de HPV, tiveram uma taxa de abortamento maior do que os casais não infectados. Além disso, quando ambos eram infectados, a taxa foi ainda maior.

Uma mulher que estiver infectada pode engravidar?

Sim, a infecção HPV não interfere na formação do feto e geralmente mulheres portadoras do vírus têm a possibilidade de ter uma gravidez saudável, mas isso não quer dizer que ela não deva realizar um tratamento que, por sinal, deve ser realizado logo após o diagnóstico.

O que é a vacina?

A vacina tem como objetivo evitar que a pessoa seja contaminada pelo HPV e, assim, diminuir o número de casos de pacientes que desenvolvam as verrugas genitais e os cânceres de colo de útero e anus. Apesar de existirem centenas de tipos do vírus, as vacinas produzidas atacam os quatro mais comuns: tipos 6, 11, 16 e 18 (os 2 primeiros tipos causam os

condilomas e os dois últimos, o câncer de colo uterino). Existem 2 tipos de vacina: a Bivalente (contra os HPV 16 e 18) e a Quadrivalente (contra os 4 tipos de HPV mencionados). A vacina Quadrivalente apesar de gratuita apenas para meninas de 11 a 13 anos (e, futuramente, para todas as meninas de 9 a 13 anos), é recomendada para homens e mulheres de 9 a 26 anos. A vacina bivalente pode ser utilizada sem qualquer limite de idade. Clínicas particulares também oferecem as vacinas para pessoas de qualquer faixa etária, por considerar que há benefícios para todos os pacientes. Justamente por prevenção, pois ainda não há quaisquer relatos de que a vacina possa causar algum dano à gravidez. Caso a mulher engravidar, é importante que o médico seja informado.

É verdade que a vacina pode causar a infertilidade?

Este é um fato que também não foi comprovado e que já está sendo estudado. Segundo especialistas, algumas adolescentes da Austrália, Japão e Inglaterra apresentaram menopausa precoce e até mesmo infertilidade, após terem tomado as doses da vacina, porém, ainda não há relação de que ela tenha sido a causadora desses problemas e nem que os tenha desencadeado, sendo mais provável que as jovens já estivessem apresentando esses quadros antes de iniciarem a vacinação.



Dra. Alessandra de Souza Barbeiro Munhoz
Medicina Reprodutiva Criogênese

Fonte: Dezoito Comunicação
Assessoria de Imprensa do Grupo Rái
www.dezoitocom.com.br

Alimentação do Bebê

10 passos para uma nutrição saudável dos pequenos

Segundo a Nutricionista Fernanda Lourenço de Menezes, a formação de hábitos alimentares saudáveis começa na infância, com o aleitamento materno exclusivo até o sexto mês e a introdução adequada da alimentação complementar dos seis meses até um ano de vida.

Com o objetivo de incentivar uma alimentação saudável para os pequenos, o Ministério da Saúde publicou em 2013 o Guia Alimentar para Crianças Menores de 2 anos atualizado.

Passo 1

Até os 6 meses, nada de água, chás e sucos, somente leite do peito. Além de nutrir, imunizar e estreitar laços afetivos, o alimento materno deixa lições que a criança guarda para o resto da vida.



Passo 2

O sexto mês marca uma mudança importante na alimentação da criança. É o período em que os pais devem introduzir as papinhas na rotina alimentar dos filhos. A partir dos seis meses, introduzir de forma lenta e gradual outros alimentos, mantendo o leite materno até os dois anos de idade ou mais.



Passo 3

Ao completar 6 meses, dar alimentos complementares três vezes ao dia, se a criança estiver em aleitamento materno. Entre os grupos de alimentos que podem ser cozidos, peneirados ou amassados, as principais categorias: cereais e tubérculos (batata, mandioca, cará), leguminosas (feijão, lentilha), carne (vaca, peixe e frango) ou ovo, hortaliças (verduras e legumes) e frutas.



Passo 4

A alimentação complementar deve ser oferecida de acordo com os horários de refeição familiar, com intervalos regulares, respeitando o apetite da criança.



Passo 5

A alimentação complementar deve ser espessa e oferecida em colher. Pode iniciar com consistência pastosa (papas/purês). Uma dica valiosa é separar os alimentos para que ele sinta o gosto de cada um.



Passo 6



O cardápio deve ter alimentos variados, coloridos e frescos.

Passo 7

Estimular o consumo diário de frutas, verduras e legumes nas refeições.



Passo 8



Evitar açúcar, refrigerantes, enlatados, frituras e outras guloseimas nos primeiros anos de vida. Usar sal com moderação.

Passo 9

Cuidar da higiene no preparo e manuseio dos alimentos: garantir que o armazenamento e conservação sejam de forma adequada.



Passo 10

Caso a criança esteja doente, respeitar a sua aceitação, mas estimulá-la a se alimentar oferecendo seus alimentos preferidos.



Fernanda Lourenço de Menezes

Graduada pela USP

Especialista em Nutrição Materno-Infantil pela UNIFESP

Mestre em Ciências da Saúde pela UNIFESP

Fonte: Ministério da Saúde. Saúde da Criança: Nutrição Infantil.

Autismo pode ser desenvolvido no útero



Segundo estudos da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, o autismo pode ser desenvolvido já nos primeiros dias após a fecundação do óvulo pelo espermatozóide, ou melhor, nos primeiros instantes da gravidez.

As pesquisas mostraram que o desenvolvimento do córtex cerebral é interrompido em fetos que apresentarão o autismo. Essa interrupção começa já no útero da mãe. Em 25 genes analisados de recém-nascidos, alguns deles tinham autismo outros não.

Nos fetos com a doença, foram encontrados manchas focais que representam o desenvolvimento interrompido do córtex; o que viabilizaria a identificação precoce da doença.

Você sabia ...

As células do cordão umbilical são jovens e biologicamente tolerantes, isso leva a diminuição dos efeitos colaterais e o aumento da possibilidade de transplante entre pessoas parcialmente compatíveis.

A coleta não oferece risco ao bebê e a mãe. O custo do transplante utilizando sangue de cordão umbilical é sensivelmente inferior ao processo que engloba o tratamento e a procura de um doador compatível.

www.criogenesis.com.br

FEBRASGO recomenda uso de ácido fólico para gestantes

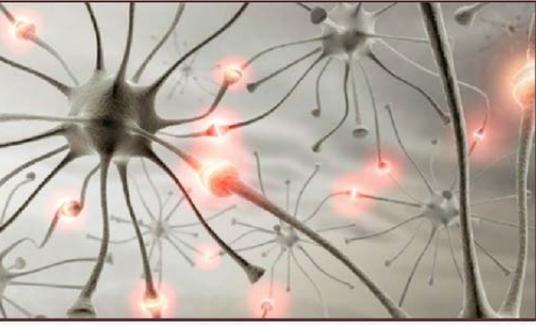
O uso do ácido fólico antes da concepção e nos três primeiros meses de gravidez reduz em até 75 % o risco de má formação no tubo neural do feto, recomenda o Conselho Federal de Medicina (CFM) em parceria com a Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO).

Desde 2006, a Relação Nacional de Medicamentos Essenciais (RENAME) recomenda a dose de 0,4 a 0,8 mg/dia (400 a 800 microgramas). No entanto, de acordo com especialistas da Febrasgo, na maioria dos postos de saúde e de farmácias populares essa dosagem não está disponível para as pacientes, que encontram uma composição muito superior à recomendada, considerando efeitos adversos que podem ocorrer. O uso prolongado de ácido fólico em altas doses pode estar associado ao câncer de mama e ao comprometimento do crescimento do feto, com o nascimento de bebês de peso abaixo do normal.

Dessa forma, podem ser evitados casos de anencefalia, incontinência urinária e intestinal nos bebês, retardo mental além de dificuldades de aprendizagem escolar.



Células tronco de transtorno bipolar oferece resultados promissores



O primeiro estudo de células tronco de transtorno bipolar oferece resultados promissores: essa foi a última pauta abordada pelo Núcleo de Pesquisa da Criogênese: uma nova pesquisa com células-tronco publicada por cientistas da Universidade de Michigan Medical School, e alimentada pela C. Prechter Fundo de Investigação Bipolar Heinz, pode ajudar os cientistas a encontrar respostas para algumas perguntas.

A equipe usou a pele de pessoas com transtorno bipolar para derivar a primeira linha de células estaminais específicas para a doença. Em um novo trabalho eles relatam como eles transformaram as células-tronco em neurônios, semelhantes aos encontrados no cérebro e compararam com células derivadas de pessoas sem transtorno bipolar.

A comparação revelou diferenças muito específicas na maneira como esses neurônios se comportam e se comunicam uns com os outros, e as diferenças marcantes identificadas na forma com que os neurônios respondem ao lítio, o tratamento mais comum para o transtorno bipolar atualmente.

É a primeira vez que os cientistas mediram diretamente as diferenças de formação e função das células do cérebro entre as pessoas com transtorno bipolar e aquelas sem o transtorno.

Os pesquisadores são do Departamento da Faculdade de Medicina da Célula e Biologia do Desenvolvimento e do Departamento de Psiquiatria, e Depressão Central da Universidade de Michigan.

As novas pesquisas com células tronco não só ajudam a encontrar novos tratamentos, como também podem levar a uma forma de direcionar o tratamento para cada paciente com base em seu perfil específico - e evitar a abordagem de tentativa e erro para o tratamento que deixa muitos pacientes com sintomas descontrolados.

As amostras de pele foram usadas para derivar as 42 linhas da iPSC. Quando a equipe mediu a expressão do gene em primeiro lugar nas células-tronco, e então reavaliou as células, uma vez que haviam se diferenciado em neurônios, as diferenças muito específicas surgiram entre as células derivadas de pacientes com transtorno bipolar e aqueles sem a condição.

Especificamente, os neurônios bipolares expressam mais genes de receptores de membrana e canais iônicos do que as células não bipolares, particularmente aqueles receptores e canais envolvidos nas células de envio e recepção de sinais de cálcio entre os dois.

Sinais de cálcio já são conhecidos por serem cruciais para o desenvolvimento dos neurônios e suas funções. Assim, os novos resultados suportam a ideia de que as diferenças genéticas expressas precocemente durante o desenvolvimento do cérebro podem ter muito a ver com o desenvolvimento de sintomas de transtorno bipolar - e de outras condições de saúde mental que surgem mais tarde na vida, especialmente nos adolescentes e jovens adultos.

Enquanto isso, os padrões de sinalização das células são alteradas em diferentes formas quando os pesquisadores introduziram lítio, que muitos pacientes bipolares tomam para regular os seus estados de espírito, mas que provoca efeitos colaterais. Em geral, o lítio altera a forma como os sinais de cálcio são enviados e recebidos - e as novas linhas de células permitirão estudar este efeito especificamente em células específicas de doença bipolar.

Os pesquisadores já estão desenvolvendo linhas de células estaminais de outros participantes do estudo com transtorno bipolar, embora levem meses para obter cada linha e obter neurônios maduros que podem ser estudadas. Eles irão compartilhar suas linhas de células com outros pesquisadores através do Prechter Repository na Universidade de Michigan.

**FONTE: University of Michigan Health System
Ana Geisa Santos de Angelo**